IV CONALI - Congresso Nacional de Linguagens em Interação
Múltiplos Olhares
05, 06 e 07 de junho de 2013
ISSN: 1981-8211

O uso de hipônimo e hiperônimo como mecanismo de referência

Ana Paula da Silva (PG – UEM)

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo analisar o uso da hiponímia (processo em que se usa primeiro um termo menos abrangente, que é retomado por um mais abrangente) e a hiperonímia (processo em que, primeiramente, faz-se uso do termo mais abrangente, que depois, é retomado por um termo mais específico), a fim de evidenciar como ocorre o processo referencial por meio da utilização desses recursos. Para alcançar tal objetivo, o *corpus* utilizado baseia-se em anúncios publicitários publicados na internet. A fundamentação teórica desta análise baseia-se na teoria funcionalista, que entre outros aspectos, estuda a língua em uso e considera que o usuário da língua, ao produzir seus discursos, emprega sua intencionalidade.

Palavras – chave: referenciação; hiponímia; hiperonímia.

Introdução

Segundo Koch (2008), "o texto não é apenas uma soma de palavras ou sequência de frases isoladas", isto é, para se construir um texto, há de se levar em consideração aspectos que vão muito além da sequencialidade, uma vez que, há uma ligação que aproxima as partes constituintes de um texto, seja ele escrito ou falado. Desse modo, essas partes constituintes, estabelecem a conexão e a retomada, por meio dos mecanismos referenciais e sequenciais, que são os responsáveis por manter a coesão textual. A junção desses elementos é, então, o que constrói o vínculo significativo do texto.

Nesse âmbito, a coesão referencial pode manifestar-se tanto por mecanismos lexicais, como gramaticais. Desse modo, os elementos referenciais que constituem determinado texto, estabelecem sentido ao todo, formando, assim, uma produção coerente. Por esse motivo, os mecanismos referenciais são de extrema importância para manter a coesão e a coerência do texto e, consequentemente, são fundamentais para a produção dos discursos.

São vários os recursos responsáveis por manter a linha de referência em um texto, mas todos eles estão pautados nos nomes, principalmente, nos substantivos, que podem aparecer em um texto por meio da repetição, da sinonímia, dos nomes genéricos (coisa, gente) ou do uso de hipônimos e hiperônimos. O foco deste trabalho, todavia, dá-se na

utilização de hipônimos e hiperônimos como mecanismos referenciais, tendo como objeto de análise propagandas presentes na internet.

Este trabalho fundamenta-se no referencial teórico do Funcionalismo, por ser essa uma corrente linguística que estuda a relação entre a gramática das línguas e as diferentes situações comunicativas nas quais essa língua se manifesta. Dessa forma, os estudos funcionalistas pautam-se na ideia de que a estrutura linguística não pode ser expressa de maneira satisfatória sem a consideração de determinadas situações comunicativas. Sendo assim, conforme expõe Halliday (1985) "a linguagem é como é por causa das funções que ela desempenha na sociedade".

O Funcionalismo

O Funcionalismo é uma corrente linguística que vê a língua como um instrumento de comunicação, e evidencia que essa língua não pode ser considerada um objeto autônomo, mas sim uma estrutura submetida ao poder das situações comunicativas, que exercem grande influência sobre a estrutura linguística. Por esse fato, conforme postula Halliday (1985), fica evidente que é impossível compreender um fato linguístico sem se considerar o contexto ao qual ele está vinculado. Isso posto, pode-se ver a linguagem como um mecanismo que se adapta às funções que exerce, por isso, ela pode ser definida, tendo como base a função comunicativa. Conforme reitera Neves (2000):

> a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução."

Assim, de acordo com Dik (1989), pode-se dizer que um dos principais compromissos do funcionalismo é descrever a linguagem não como um fim em si mesma, mas como um requisito pragmático da interação verbal. Dessa forma, expõe Pezatti (2001) que:

> o enfoque funcionalista considera princípio fundamental subordinar o estudo do sistema linguístico ao uso. Desse posicionamento teórico, deriva-se um outro, baseado na relação entre linguagem e contexto social: o funcionalismo considera por princípio a necessidade de descrever expressões verbais relativamente a seu funcionamento em contextos sociais específicos."

Sendo assim, destaca-se o Funcionalismo como instrumento metodológico que permite a realização do objetivo geral desta pesquisa, uma vez que, essa teoria tem como objeto de estudo a língua em uso, a fim de evidenciar, entre outros motivos, que as escolhas do falante sofrem a influência do contexto em que esse falante se insere. Além disso, essa vertente teórica considera que a função de um elemento linguístico é de extrema importância para sua definição e está, muitas vezes, atrelada à intencionalidade de um usuário da língua.

A questão da referência e da referenciação

Os conceitos de referência e referenciação confundem-se, muitas vezes, visto que a linha que "divide" esses dois conceitos é muito tênue. Conforme expõe Cardoso (2003):

> referência é a relação entre a linguagem (um dizer) e uma exterioridade (um não dizer), relação necessária para que a linguagem tenha o seu valor e não se encerre em si própria"

Para a autora, a referência consiste na sustentação do paradigma de que um elemento significante se torna signo quando manifesta a relação que o liga a um elemento significado.

Koch (2005), por sua vez, expõe a ideia de que o real é um produto da percepção cultural humana, assim como da forma que cada um encara a própria realidade, ou seja, os referentes (noção extralinguística) são fabricados na dimensão da percepção-cognição do ser humano. Para essa autora, a língua só existe por causa dos sujeitos que a utilizam e, por isso, os modelos de mundo, além de serem historicamente reconstruídos, só o são de acordo com o discurso.

Ainda sobre a noção de referência, Mondada e Dubois (2003) afirmam que os objetos de discurso só existem devido às realizações discursivas e cognitivas. Além disso, as autoras afirmam que não há uma representação evidente entre as palavras e as coisas e, por esse motivo, aconselham a substituição do termo referência por referenciação, porque o termo referenciação, segundo elas, é o mais adequado para demonstrar esse distanciamento que ocorre entre as palavras e as coisas que elas representam. Por fim, Mondada e Dubois

(2003) justificam a troca da terminologia por considerarem que a melhor representação é a que se constrói mediante a atividade discursiva.

Definição de substantivo

A tradição gramatical define o substantivo como a palavra que caracteriza os seres. Essa classificação baseia-se apenas no critério semântico, desconsiderando o morfológico e o sintático. Nesse sentido, conforme Cunha e Cintra (1985), "substantivo é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral". Essa classificação, além de confusa, é insuficiente, uma vez que, traz uma referência vaga, desconsiderando critérios e denominações importantes para que se compreenda, entre outras coisas, qual é, de fato, a função de um substantivo.

Sobre essa definição, são pertinentes as considerações de Ilari e Basso (2006), pois eles afirmam que a classificação dada aos substantivos pela Gramática Tradicional é insuficiente, visto que, desconsidera o fato de o substantivo poder se referir, também, às qualidades dos seres, a fatos, processos e acontecimentos.

Ainda no que diz respeito à definição dada pela tradição gramatical, afirma Bechara (2009) que o substantivo é

> a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias *(homem, casa, livro)* e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades *(bondade, brancura)*, estados *(saúde, doença)*, processos *(chegada, entrega, aceitação)*.

A classificação dada por Bechara (2009), apesar de fazer referência aos diversos tipos de possibilidades de substantivo (substâncias, qualidades, estados e processos), também apresenta somente a classificação semântica. Isso comprova que a definição dada pela Gramática Tradicional à classe gramatical substantivo acaba sendo insuficiente, pois desconsidera, entre outras coisas, o critério morfológico, o sintático e a função que essa classe pode desempenhar em determinado contexto.

Outra questão problemática na classificação dada pela Gramática Tradicional ao substantivo refere-se à exemplificação isolada desse termo, uma vez que, a desconsideração do contexto, no momento da análise, impossibilita que uma descrição segura seja realizada.

Isto é, isso ocorre, porque, nas gramáticas, apenas define-se e exemplifica-se o substantivo (de maneira isolada) sem levar em consideração a relação entre os termos utilizados.

Para classificar os substantivos, é necessário que se considere algumas propriedades que caracterizam essa classe, propriedades essas definidas por Camacho, Dall'Aglio-Hattnher e Gonçalves (2008).

Dentre essas propriedades, como já exposto, é de grande importância analisar as características morfossintáticas dessa classe. Morfologicamente, há de se considerar o fato de os substantivos poderem ser distribuídos em: singular/plural e masculino/feminino, conforme exigir a estrutura gramatical, a fim de estabelecer a concordância entre os termos. Sintaticamente, é importante salientar que a classe dos substantivos, geralmente, funciona como o núcleo de um sintagma nominal, núcleo esse que pode aceitar os determinantes (artigos, pronomes adjetivos e quantificadores) e/ou os modificadores (adjetivos, locuções adjetivas e sentenças relativas).

É válido ressaltar que há substantivos cuja classificação não gera dúvidas. Há, no entanto, outros que, dependendo das relações estruturais que sustentam na sintagmatização, podem ser classificados como substantivo ou adjetivo. Por esse motivo, analisar a relação entre núcleo nominal e periféricos, bem como, a posição em que determinado substantivo se encontra (dentro do sintagma nominal) é imprescindível para a identificação do substantivo como pertencente à determinada classe morfológica/lexical.

Semanticamente, para Camacho, Dall'Aglio- Hattnher e Gonçalves (2008)

> o substantivo se caracteriza por ser autônomo e provido de um potencial de referência que lhe é próprio. Por possuir significação informacional relacionada à extensionalidade, um substantivo pode atualizar significados que lhes são disponíveis (virtuais) e, assim, permitir acesso à realidade extramental, enfatizando a relação linguagem-mundo".

Sendo assim, esses autores classificam o substantivo em: *entidades de primeira ordem,* aqueles que apresentam a caracterização mais comum dos substantivos, são os indivíduos (pessoas, animais e coisas) e podem receber atribuições de propriedades; *entidades de segunda ordem,* aqueles que designam estado de coisas (ações, processos, estados e posições) e *terceira ordem,* aqueles que designam entidades abstratas (crenças, expectativas e julgamentos).

Além do que já foi exposto, é de suma importância, neste trabalho, ressaltar que o substantivo possui propriedades referenciais, ou seja, ele é um dos principais responsáveis pelos processos remissivos de um texto. Sendo assim, segundo Camacho, Dall'Aglio-Hattnher e Gonçalves (2008) quando desempenha a função de referenciador, o substantivo não pode ser interpretado por si mesmo, porque, necessariamente, desempenha relações textuais coesivas com outros substantivos, que são indispensáveis para sua satisfatória interpretação. Dentre as funções remissivas o substantivo pode aparecer na forma de sinonímia, repetição/reiteração, além de hipônimos e hiperônimos, que são o principal objeto de análise deste estudo.

Com base no exposto, pode-se afirmar que a significação do substantivo está atrelada à situação discursiva e a cognição dos participantes envolvidos em um processo comunicativo. Sendo assim, a classificação isolada e que trata somente de questões semânticas, feita pela Gramática Tradicional, não dá conta de definir com exatidão as funções que um substantivo pode desempenhar.

Coesão lexical: hipônimo e hiperônimo

Existem diversos mecanismos responsáveis por manter a coesão referencial de um texto. Entre eles, pode ser citada a coesão lexical, que se caracteriza como um mecanismo cujos elementos utilizados para se fazer remissão são as palavras disponíveis no léxico. Sendo assim, a coesão lexical pode apresentar-se por meio da repetição, da sinonímia, dos hipônimos e hiperônimos, além dos nomes genéricos. O foco deste trabalho, no entanto, dá-se no uso dos hipônimos e hiperônimos. Em relação à definição desses termos, de acordo com Cançado (2005)

> o item lexical mais específico, que contém todas as outras propriedades, é chamado de hipônimo; o item lexical que está contido nos outros itens lexicais, mas não contém nenhuma das outras propriedades da cadeia, o termo mais geral, é chamado de hiperônimo"

Em outras palavras, na hiponímia, usa-se primeiro um termo menos abrangente, que é retomado por um mais abrangente. É o que se pode notar, por exemplo, na oração: "O *gato* do vizinho estava muito agitado, por isso, o *felino* foi levado ao veterinário". Percebe-

ISSN: 1981-8211

se que gato é um hipônimo de felino, uma vez que, é apenas um dos representantes desse grupo "maior" de animais.

Por outro lado, na hiperonímia, primeiramente, faz-se uso do termo mais abrangente, que depois, é retomado por um termo mais específico. Verifica-se tal processo no seguinte exemplo: "O *felino* mais selvagem fugiu do zoológico, no entanto, à tarde, o *leão* fora resgatado". Nota-se, nesse exemplo, que, primeiramente, foi utilizado o termo mais genérico, para logo em seguida, ser retomado por um termo menos abrangente. É importante ressaltar que em ambos os processos (hiponímia e hiperonímia) os termos possuem traços semânticos em comum.

Fator importante ao se considerar o uso do hipônimo e do hiperônimo como recursos remissivos consiste no fato de que, ao escolher utilizar primeiro um desses processos, o produtor de um texto possui determinada intenção. Sendo assim, a escolha lexical desse produtor não é feita aleatoriamente, mas sim, de modo que se atinja um propósito específico para aquela enunciação. Desse modo, acredita-se que, quando aparece primeiro o hipônimo em uma oração, geralmente, tem-se a intenção de focalizar um termo específico. Por conseguinte, quando se usa primeiro um hiperônimo, frequentemente, a intenção é denotar essa abrangência, incorporando, assim, um número maior de possibilidades de termos.

Análise

Para análise apresentada neste trabalho, foram retirados trechos de textos divulgados em *sites* de propaganda. O principal objetivo desta investigação é observar se nos exemplos utilizados como *corpus* há os processos de hiponímia e/ou hiperonímia como mecanismos de retomada. Além disso, objetiva-se constatar qual é a intenção de um produtor de texto ao escolher entre um ou outro processo.

(1) "Hoje a festa é em <u>lençóis</u>. Chegou a <u>linha dormitórios</u>".

No exemplo em questão, nota-se a presença de uma hiponímia, uma vez que, o substantivo "lençóis" é retomado por um hiperônimo "linha dormitórios". Pode-se constatar tal fato, pois lençóis é um dos itens da linha de dormitórios, ou seja, ambos fazem

ISSN: 1981-8211

parte do mesmo campo semântico. É possível evidenciar, ainda, que ao utilizar primeiro o hipônimo, o produtor desse anúncio deu ênfase para o produto "lençóis", o que não aconteceria se tivesse, primeiramente, utilizado "linha dormitórios".

Outra análise possível mostra que lençóis é parte da roupa de cama, porém ao se empregar esse termo, sua significação é mais abrangente, referindo-se a todo tipo de roupa de cama. Sendo assim, caso a promoção refira-se a outros itens, além dos lençóis, temos um caso denominado de metonímia, porque, lençol é empregado como um termo que abrange todo o grupo de roupa de cama.

> **(2)** "[...] Deixe o calor do lado de fora: compre hoje seu ar condicionado com desconto! [...] ATENÇÃO: últimos dias de IPI reduzido! Compre eletrodomésticos com muito mais descontos [...]".

Nesse caso, nota-se, também, a presença de uma hiponímia, visto que, o termo "ar condicionado" foi retomado por seu hiperônimo "eletrodomésticos". Evidencia-se que essa retomada, além de evitar a repetição do termo "ar condicionado", induz o leitor a comprar outros tipos de eletrodomésticos.

Sendo assim, por mais que o foco da compra esteja no ar condicionado (o que pode ser evidenciado por sua localização na oração, uma vez que, esse termo aparece primeiro, o que lhe dá destaque), ao retomá-lo por "eletrodomésticos", o produtor do texto amplia o sentido, e consequentemente, a possibilidade de compra.

> **(3)** "[...] Assim, as suas roupas eram mais acessíveis, podendo todo o mundo comprar vestidos, calças, casacos mais baratos, estando sempre na moda [...]".

Nesse exemplo, evidencia-se a presença de uma hiperonímia, uma vez que, primeiramente, usa-se o termo mais abrangente "roupas", para posteriormente, restringir quais são essas roupas "vestidos, calças, casacos". É válido ressaltar que, se o produtor desse texto tivesse repetido a expressão roupa (podendo todo mundo comprar roupas), além de ficar repetitivo, não especificaria quais são os tipos de roupa que são vendidas pelo *site*.

É importante evidenciar que, diferentemente dos exemplos anteriores, nesse caso, usa-se primeiro o hiperônimo. Esse fato pode ser justificado, porque, a empresa, primeiramente, quer mostrar ao público consumidor que oferece diversos tipos de roupas, atraindo, assim, a atenção dos compradores, para só depois restringir quais são essas roupas.

Considerações finais

A análise realizada neste trabalho permitiu evidenciar que o uso de hipônimos e hiperônimos, como recursos coesivos, é um mecanismo referencial produtivo na língua e que exprime, muitas vezes, uma intenção pertencente ao produtor do texto.

Tais processos foram evidenciados, porque, nos exemplos que compuseram o *corpus* deste trabalho, observou-se que, quando os hipônimos são utilizados primeiro em uma oração, eles possuem a finalidade de dar ênfase aos produtos ofertados. Quando o hiperônimo foi utilizado antes do hipônimo, houve a intenção de mostrar ao consumidor, primeiramente, que há disponibilidade de venda de vários tipos de produtos, (no caso, roupas) no *site*, e não somente de um único tipo.

A teoria que auxiliou o desenvolvimento desta pesquisa foi o Funcionalismo, uma vez que, essa corrente linguística, dentre outras características, analisa a língua em uso e tem como foco evidenciar a função que um elemento linguístico desempenha em determinado contexto.

Faz-se necessário ressaltar que o conhecimento cognitivo do produtor do texto é de extrema importância para a seleção lexical apresentada em um discurso (seja ele oral ou escrito), pois o conhecimento de determinado campo semântico é o que vai permitir a esse produtor construir a cadeia referencial de seu texto e empregar corretamente os hipônimos e hiperônimos. Sendo assim, com base no trabalho desenvolvido, foi possível evidenciar que as escolhas lexicais de um usuário da língua dependem tanto da sua intenção ao produzir determinado discurso, quanto do contexto de produção desse discurso.

Referências

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

CAMACHO, Roberto Gomes; DALLAGLIO-HATTNHER, Marize Mattos; GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **O substantivo**. In: ILARI, Rodolfo; NEVES,

Maria Helena de Moura (orgs.). Gramática do Português Culto Falado no Brasil. v. II. Classes de Palavras e Processos de Construção. Campinas: Ed. da Unicamp, 2008.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **A questão da referência**: das teorias clássicas à dispersão dos discursos. Campinas: Autores Associados, 2003.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. **Nova GramátÍca do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, Celso e CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIK, Simon Cornelis. **The Theory of Functional Gramma. Pt 1. The Structure of the Clause.** Dordrecht: Foris Publications, 1989.

HALLADAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar**. Baltimore: Edward Arnold, 1985
_____. HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

ILARI, Rodolfo. **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004.

ILARI, Rodolfo. **Alguns problemas no estudo da anáfora textual**. In: Koch, Ingedore Villaça; Morato, Edwiges Maria; Bentes, Anna Christina (orgs). Referenciação e Discurso. São Paulo: Contexto, 2005.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos.** São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça**. A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 2008.

Retirado de: http://www.oppa.com.br/espaco-oppa . Acesso em 31/01/2013.

Retirado de: http://www.ofertasdeemail.com.br/promocao/coifa/deixe-o-calor-do-lado-de-fora-compre-hoje-seu-ar-condicionado-com-desconto-6495.html. Acesso em 03/02/2013.

Retirado de: http://www.roupas.com/hm/ .Acesso em 05/02/2013.

Anexos

ISSN: 1981-8211

Anexo 1